

Elias Portolu



Elias Portolu

Grazia Deledda

Tradução, posfácio e notas de
William Soares dos Santos



*Elias Portolu*¹

Dias felizes estavam chegando para a família Portolu, de Nuoro. No final de abril deveria retornar o filho Elias, que cumpria uma condenação em uma penitenciária do Continente; depois se casaria Pietro, o filho mais velho dos três jovens Portolu.

Preparava-se uma espécie de festa: a casa tinha recebido um reboco novo, o vinho e o pão² já estavam preparados: parecia que Elias estivesse retornando de seus estudos, e era com um certo orgulho que os parentes, finda a desgraça, o esperavam.

1 A edição de referência desta tradução é: DELEDDA, Grazia. *Elias Portolu* – Romanzo, Fratelli Treves Editori, Milano, 1920.

2 Em muitas cidades da Sardenha, é costume a feitura (ainda hoje, geralmente, caseira) de um pão conhecido localmente por “carasadu”, ou “pane ‘e fresa” (dependendo de sua consistência). No continente italiano, esse pão é conhecido, geralmente, pela expressão “*carta da musica*” (papel de música), devido a ele ser crocante e ao som que se obtém ao comê-lo.

Finalmente, chegou o dia tão esperado, especialmente por tia Annedda, a mãe, uma mulher pequena, serena, clara, um pouco surda, que amava Elias acima de todos os seus pequenos filhos. Pietro, que era camponês, Mattia e tio³ Berte, o pai, que eram pastores de ovelhas, retornaram do campo.

Os dois mais jovens se pareciam bastante; baixotes, robustos, barbudos, com o rosto amorenado e com longos cabelos negros. Também o tio Berte Portolu, a velha raposa, como era chamado, era de pequena estatura, com uma cabeleira negra e emaranhada que lhe caía sobre os olhos vermelhos adoentados e que, sobre as orelhas, se confundiam com a longa barba negra, não menos emaranhada. Ele vestia uma roupa bastante suja, com um longo sobretudo preto sem mangas, de pele de carneiro, com a lã para dentro; e, de toda aquela pelugem negra, surgiam apenas duas enormes mãos de um vermelho amorenado e, do rosto, um nariz grande e, igualmente, vermelho amorenado.

Para a solene ocasião, no entanto, tio Portolu lavou as mãos e o rosto, pediu um pouco de azeite à tia Annedda, untou bem os cabelos e, depois, os desembaraçou com um pente de madeira, gritando devido à dor que a operação lhe causava.

³ Na Sardenha, ainda nos dias atuais, é comum se dar o título de “tio/tia” (*zio/zia*) a pessoas de certa idade, não importando se são, de fato, parentes daqueles que estão utilizando o nome.

– Que o diabo os penteie – dizia aos seus cabelos, girando a cabeça. – Nem mesmo a lã dos carneiros é tão embaraçada!

Quando o emaranhado foi desfeito, tio Portolu começou a fazer uma pequena trança sobre a têmpora direita, outra sobre a esquerda, uma terceira sobre a orelha direita, uma quarta sobre a orelha esquerda. Depois untou e penteou a barba.

– Faz mais outras duas tranças, agora! – disse Pietro rindo.

– Não vê que pareço um noivo? – gritou tio Portolu, e começou a rir também. Ele tinha um riso característico, forçado, que não deixava mover um fio de cabelo da barba.

Tia Annedda murmurou alguma coisa, porque ela não gostava que os filhos faltassem com respeito ao pai, mas este a olhou com reprovação e disse:

– Bem, o que você está dizendo? Deixa os garotos rirem; eles estão em tempo de se divertirem; nós já nos divertimos.

E eis que chega a hora da chegada de Elias. Vieram alguns parentes e um irmão da noiva de Pietro, e todos se dirigiram à estação de trem. Tia Annedda ficou sozinha em casa, com o gatinho e com as galinhas.

A pequena casa, com um quintal interno, dava para um pequeno caminho em declive que descia para a estrada principal; atrás, o muro em cerca-viva do beco estendia-se algumas hortas que davam sobre o vale. Parecia que se estava na roça: uma árvore estendia os seus ramos por cima da cerca-viva, dando à pequena passagem um

ar pitoresco: o Orthobene⁴ granítico e as cerúleas montanhas de Oliena⁵ fechavam o horizonte.

Tia Annedda havia nascido e envelhecido ali, naquele pequeno canto cheio de ar puro, e, talvez por isso, tenha permanecido sempre simples e pura como uma criança de sete anos. De resto, toda a vizinhança era habitada por pessoas honestas, por moças que frequentavam a igreja, por famílias de costumes simples.

Tia Annedda saía de vez em quando pelo portão aberto, olhava para um lado e para o outro, depois entrava de novo. Também as vizinhas esperavam o retorno do prisioneiro, em pé, em suas pequenas portas ou sentadas em rústicos bancos de pedra encostados no muro: o gato de tia Annedda contemplava da janela.

E eis um som de vozes e de passos à distância. Uma vizinha atravessou correndo a alameda e colocou a cabeça dentro do portão de tia Annedda.

– Veja que eles estão aqui! – gritou.

4 O monte de Ortobene (ou *Ortobhene* no dialeto local) é uma montanha que fica na província de Nuoro, na Sardenha central, próxima à cidade de Nuoro e que domina a sua paisagem. Deledda fará referência a este monte transformando-o, de certo modo, em um de seus personagens não apenas em *Elias Portolu*, mas, também em outros romances. Em uma carta a Salvator Ruju, escrita em 05 de setembro de 1905, Grazia Deledda dirá que “Não, não é verdade que o Ortobene possa ser comparado a outras montanhas, só existe um Ortobene em todo o mundo: é o nosso coração, é a nossa alma, é o nosso caráter, tudo aquilo que nos é grande e pequeno, o que há de doce e duro e amargo e doloroso em nós”.

5 Oliena é uma cidade da província de Nuoro. As montanhas a que se refere o texto são as do Monte Corradi, também conhecido como “Supramonte di Oliena”.

A pequena mulher saiu, mais branca que o de costume e tremendo; logo a seguir, um grupo de aldeões irrompeu na alameda e Elias, muito comovido, correu para a sua mãe, se curvou e a abraçou.

– Outra como essa, apenas daqui a cem anos, só daqui a cem anos... – murmurava tia Annedda chorando.

Elias era alto e magro, com um rosto muito branco, delicado, sem barba; tinha cabelos negros quase raspados, os olhos azul-esverdeados. O longo período passado na prisão havia deixado o seu rosto e as suas mãos mais claras.

Todas as vizinhas se precipitaram ao seu redor, empurrando os outros camponeses, desejando-lhe:

– Uma desgraça como essa somente daqui a cem anos.

– Com a vontade de Deus! – ele respondia.

Depois disso, eles entraram em casa. O gato, que com o aproximar-se dos camponeses havia se retirado da janela, foi para a pequena escada externa e saltou para baixo assustado, correu para cá e para lá e foi se esconder.

– *Muscì, muscì* – começou a gritar tio Portolu –, mas que diabos você tem? Nunca viu cristãos? Até parece que somos assassinos, que até os gatos fogem? Somos gente honesta, nós somos homens de bem!

A velha raposa tinha um grande desejo de gritar, conversar e dizia coisas sem sentido.

Todos se sentaram na cozinha, enquanto tia Annedda servia uma bebida, tio Portolu tomou posse de Jacu Farre, um parente dele, um homem vermelho e gordo, que respirava lentamente, e não o deixou mais em paz.

– Veja – ele lhe gritava, puxando a aba de seu casaco e apontando-lhe os seus filhos –, você vê meus filhos agora? Três pombos! E fortes, eh, e saudáveis e bonitos! Você os vê em uma fileira, você os vê? Agora que Elias está de volta, seremos como quatro leões; não seremos tocados nem por uma mosca. Eu também, sabe, eu também sou forte; não me olhe assim, Jacu Farre, eu não estou ligando nenhum pouco para você, entende? O meu filho Mattia é a minha mão direita; agora Elias será a minha esquerda. E Pietro, e depois, o pequeno Pietro, o meu Prededdu⁶? Você não o está vendo? É uma flor. Ele semeou dez quartos de cevada e oito de trigo e dois quartos de favas, eh, se quiser se casar, ele pode mantê-la bem, a mulher! Não lhe faltará a colheita. É uma flor o meu Prededdu. Ah, os meus filhos! Como os meus filhos não existem outros em Nuoro.

– Eh! eh! – disse o outro quase gemendo.

– Eh! eh! O que você quer dizer com esse teu eh! eh!, Jacu Fà? Estou, talvez, dizendo mentiras? Me mostre outros três jovens como os meus filhos, honestos, trabalhadores, fortes. Eles são homens, homens, eles são!

– E quem te diz que são mulheres?

6 Os *vezzeggiativos* (que podem derivar de substantivos, adjetivos e verbos) em italiano e em dialetos a ele correlacionados podem ser bastante difíceis de traduzir para outras línguas. No caso deste *vezzeggiativo*, derivado de um nome próprio (também denominado “hipocorístico”), eu poderia, simplesmente, traduzir para a forma carinhosa “Pedrinho”, em português. Mas, uma vez que optei por não modificar a forma original dos nomes próprios, deixarei esses *vezzeggiativos* em sua forma original sempre que não houver grandes problemas interpretativos. Essa opção também procura deixar “ressoar” na tradução portuguesa a cor local do dialeto nuorese.

– Mulheres, mulheres! Mulher será você, seu barrigudo – gritou Portolu apertando com as suas grandes mãos a barriga do parente. – Você, não eles, os meus filhos! Você não os vê? – prosseguiu, se virando com adoração em direção aos três jovens. Você não os vê, você é cego? Três pombos...

Tia Annedda se aproximou, com o copo em uma mão e a garrafa na outra. Encheu o copo e o deu ao Farre, e o Farre o deu cortesmente a tio Portolu. E tio Portolu bebeu.

– Bebamos! À saúde de todos! E você, minha mulher, queridinha, não tenha mais medo de nada: seremos como leões, agora, não nos tocará nem mesmo uma mosca.

– Para! para! – ela respondeu.

Deu de beber ao Farre e foi servir aos outros. Tio Portolu a seguiu com os olhos e depois disse, tocando a sua própria orelha direita com um dedo:

– É um pouco... aqui; não escuta bem, mas uma mulher! Uma mulher boa! Toma conta do que é seu, minha mulher, e como sabe cuidar bem de suas coisas! Uma mulher de consciência, então! Ah, como ela...

– Não existe outra em Nuoro!

– Parece! – gritou tio Portolu. – Talvez, que você esteja fazendo piada? Você não perde por esperar, que se Pietro traz aqui a sua esposa, você vai ficar mal, aqui a moça!

E logo começou a elogiar também a moça. Uma rosa, uma joia, uma folha de palma. Ela cozinhava e costurava, ela era uma boa dona de casa, ela era honesta, bela, boa, de boa família.

Enfim – disse o Farre de modo irônico –, não tem outra em Nuoro!

Enquanto isso, o grupo dos jovens falava animadamente com Elias, bebendo, sorrindo, cuspidando. O que mais ria era ele, o encarcerado, mas o seu sorriso era cansado e despedaçado, a voz fraca; o seu rosto e as suas mãos destacavam-se entre todos aqueles rostos e aquelas mãos bronzeadas; parecia uma mulher vestida de homem. Além disso, o seu modo de falar havia adquirido alguma coisa de particular, de exótico; ele falava com uma certa afetação, metade em italiano, metade em dialeto, com imprecisões realmente de uso continental⁷.

– Escuta o teu pai que se gaba – disse o futuro cunhado de Pietro. – Ele diz que vocês são pombos, e, na verdade, você está branco como um pombo, Elias Portolu.

– Voltarei a ser negro – disse Mattia. – A partir de amanhã começaremos a trotar até o curral, não é mesmo, meu irmão?

– Que seja branco ou preto, pouco importa – disse Pietro. – Parem com essas bobagens, deixem eu acabar de contar aquilo que eu estava contando.

– Eu dizia, então – retomou Elias com a sua voz fraca –, que aquele cavalheiro, meu companheiro de cela, era o chefe dos ladrões daquela grande cidade, como se chama..., não me lembro mais, adiante. Estava comigo, me confessava tudo. Aquilo sim, que é roubar: o que valem os nossos furtos? Por exemplo, um dia precisamos de algo, roubamos um boi e o vendemos; eles nos pegam,

⁷ Moradores das ilhas italianas, geralmente, se referem às pessoas e hábitos da península italiana como sendo pessoas e hábitos “continentais” em contraposição ao que é particular de sua ilha. A cidade de Nuoro é a capital da ilha da Sardenha, que também é uma região autônoma da República Italiana.

nos condenam, e esse boi não é suficiente para pagar o advogado. Mas aqueles lá, aqueles grandes ladrões, vão muito além! Eles pegam milhões, os escondem e, quando saem da prisão, ficam muito ricos, saem de carruagem e se divertem. O que somos nós, burros da Sardenha, em comparação a eles?

Os jovens ouviram atentamente, cheios de admiração por aqueles grandes ladrões estrangeiros.

– Havia também um monsenhor – continuou Elias –, um homem rico que tinha milhares de liras guardadas.

– Até um monsenhor!... – exclamou Mattia, espantado. Pietro o olhou rindo e quis passar a impressão de tomar aquela informação como algo normal, embora também estivesse surpreso.

– Bem, monsenhor? Oh, mas os monsenhores não são homens como os outros? A prisão é feita para homens.

– Por que ele estava lá?

– Mas... parece que ele queria que o rei fosse mandado embora e o papa fosse colocado no lugar do rei. Outros, no entanto, disseram que ele também estava na prisão por questões de dinheiro. Ele era um homem alto, com cabelos brancos como a neve; ele lia sempre. Outro morreu e deixou todo o dinheiro que tinha guardado para os presos. Eles queriam me dar cinco liras; mas eu as recusei. Um sardo não quer esmola.

– Estúpido! Eu as teria pegado! – Mattia gritou. – Eu teria feito uma ressaca solene à saúde do morto.

– É proibido – respondeu Elias; e ele ficou em silêncio por um momento, absorvido em vagas lembranças, depois exclamou: – Jesus! Jesus! Quantas pessoas tinham

lá, de todos os tipos! Havia outro sardo comigo, um marchal; eles o embarcaram em Cagliari na mesma noite em que me embarcaram: ele acreditou que o haviam libertado, em vez disso, o levaram de tal modo que ele nem percebeu

– Ah, eu digo que ele se deu conta!

– Oh, eu também!

– Ele se gabou de que logo o perdoariam, que ele era parente do ministro e que tinha outro parente na corte do rei: em vez disso, eu saí e ele ficou lá; ninguém escreveu para ele, ninguém lhe enviava um centavo. E *nesses lugares*, se você não tiver dinheiro, morre de fome, que Deus me ajude! E os carcereiros! – então ele exclamou fazendo uma careta – Tantos atormentadores! Eles são quase todos napolitanos, trapaceiros, que se veem você morrendo te cospem na cara. Mas antes de sair, eu disse a um deles: “Tente passar em nossas terras, excomungado, que eu mesmo te acomodo o osso do pescoço”.

– Sim – disse Mattia –, tente passar um pouco perto do nosso curral, para darmos soro a ele!

– Oh, ele não vai passar!

– Quem não vai passar? – perguntou tio Portolu, aproximando-se.

– Não, um guardião que cuspiu em Elias, disse Mattia.

– Não, diabos, ele não cuspiu: o que você está dizendo?

Todos riram. Tio Portolu gritou:

– E, depois, Elias não teria permitido; ele teria quebrado os dentes com um soco. Elias é um homem: somos homens, não somos pedaços de queijo fresco como

os do continente, mesmo que eles sejam carcereiros de homens...

– Mas que carcereiros! – disse Elias dando de ombros.

– Os carcereiros são canalhas, mas depois há os ladrões ricos; você teria visto! Grandes cavalheiros que vão de carruagem, que quando entram na prisão têm milhares e milhares de liras guardadas.

Tio Portolu ficou bravo, cuspiu e disse:

– E o que eles são? Homens de queijo fresco! Vá e coloque-os um pouco para jogar a armadilha em um potro indomável, ou conversar com um touro, ou atirar com um mosquete! Eles morrem de susto antes. O que são os cavalheiros? Minhas ovelhas são mais corajosas, então Deus me ajude.

– No entanto, ainda... – insistiu Elias – se você visse...

– E o que você viu? – respondeu tio Portolu com desdém. – Você não viu nada. Na sua idade, eu não tinha visto nada; mas vi mais tarde e sei o que são os senhores, e o que são os continentais e o que são os sardos. Você é um pinto que acabou de sair do ovo.

– Mais do que um pinto! – murmurou Elias, sorrindo amargamente.

– Um galo, sim! – disse Mattia.

E o Farre, com delicadeza:

– Não, um passarinho...

– Saído da gaiola! – Os outros exclamaram, rindo.

A conversa se tornou geral. Elias continuou narrando suas memórias, mais ou menos exatas, do lugar e das pessoas que ele havia deixado; os outros comentaram e riram. Tia Annedda também ouviu, com um plácido sor-

riso no rosto calmo, e não conseguia entender bem todas as palavras de Elias, mas o Farre, sentado ao seu lado, aproximou o seu rosto do pescoço dela e repetia em voz alta as histórias do regressado.

Enquanto isso, outras pessoas chegavam, amigos, vizinhos, parentes. Os recém-chegados se aproximaram de Elias, muitos o beijaram, todos lhe desejavam o melhor:

– Outra como essa, nem daqui a cem anos

– Deus não permita! – respondeu ele, puxando a boina pela testa.

E tia Annedda servia o que beber. Logo a cozinha estava cheia de gente; o tio Portolu gritava sem parar para que todos soubessem que seus filhos eram três pombas, e ele gostaria de ter mantido todas aquelas pessoas por um longo tempo; mas Pietro estava ansioso para apresentar sua noiva a Elias e insistia em sair e levá-lo com ele.

– Vamos tomar um ar – disse. – Este pobre diabo esteve preso tempo demais para vocês mantê-lo aqui a noite toda.

– Você verá um bom ar! – respondeu um parente.

– Esse seu rosto ficará preto como a pólvora.

– Eu acho que sim! – gritou Elias, passando as mãos pelo rosto, envergonhado por sua brancura.

Mas, finalmente, Pietro conseguiu se fazer entender e eles estavam prestes a sair, quando a sua futura sogra chegou, uma viúva magra, alta e rígida, com o rosto pálido envolto em um véu preto: seus dois filhos mais novos a acompanhavam, uma menina e um menino, já cheio de altivez.

– Meu filho! – A viúva declamava enfaticamente correndo de braços abertos em direção a Elias. – Que o Senhor não lhe envie outra desgraça como essa nem em cem anos.

– Se Deus quiser!

Tia Annedda, cautelosa, foi atrás da viúva, ansiosa por cumprimentá-la; mas o tio Portolu agarrou a mulher, pegou-lhe nas mãos e a sacudiu toda.

– Está vendo? – gritou no rosto dela. – Você está vendo, Arrita Scada! O pombo voltou ao ninho. Quem pode tocar em nós agora? Quem pode tocar em nós? Me responda, Arrita Scada...

Ela não conseguiu dizer nada.

– Que ele diga – exclamou Pietro, virando-se para a viúva. – Ele está feliz hoje.

– Porque ele tem de estar alegre!

– Claro que estou feliz. O que você acha? Eu não deveria estar feliz? Você não vê o pombo? Ele voltou ao ninho. É branco como um lírio. E ele pode contar boas histórias agora. Arrita Scada, você ouviu? Somos uma família, uma casa de homens, nós; e diga a sua filha que ela se casará com uma flor, não com uma imundícia.

– Eu acho que sim.

– Você acha? Ou você pensa que sua filha vem aqui para ser uma serva? Ela virá para ser uma dama, e ela encontrará pão, e ela encontrará vinho, e ela encontrará trigo, cevada, favas, óleo: tudo de bom. Você vê aquela porta? – gritou, fazendo tia Arrita virar em direção a uma portinha nos fundos da cozinha. – Você consegue ver? Sim? Bem, você sabe o que há por trás dessa porta? Existem cem escudos de queijo. E outras coisas ainda.

– Pare com isso, pare com isso – disse Pietro, um pouco envergonhado. – Ela não sabe o que fazer com as coisas boas de Deus.

– Além do mais – observou Elias –, Maria Maddalena Scada não se casará com Pietro por causa do nosso queijo.

– Filho do meu coração! Tudo é bom no mundo! – declarou tia Arrita, sentando-se entre os seus filhos, dos quais o menino não falava, mas sorria zombeteiro.

– Vamos lá, vamos lá, para com isso! – Pietro repetiu.

Enquanto isso, tia Annedda, como não a deixavam dizer uma palavra sequer, começou a preparar o café para a mãe de sua futura nora.

– Meu marido – lhe disse, assim que pôde ter toda a atenção da outra para si –, se pudesse teria tudo para si – está muito apegado às coisas do mundo: ele não pensa que, na verdade, o Senhor tenha nos dado seus bens, sem que nós os merecêssemos, e que o Senhor pode levá-los embora a qualquer momento.

– Minha Annedda, os homens são todos assim – disse a outra para confortá-la. – Eles não pensam em nada além das coisas do mundo. Deixe para lá. Mas o que você está fazendo? Não quero te perturbar. Eu vim por um momento e vou me embora logo. Vejo que Elias está bem, ele está tão branco quanto uma menina, Deus o abençoe.

– Sim, ele parece que está bem, graças ao Senhor: ele sofreu muito, um passarinho coitado!

– Ah, vamos torcer para que tudo acabe: ele não vai voltar para maus companheiros, certamente; porque foram os maus companheiros que lhe causaram o infortúnio.

– Que você seja abençoada, suas palavras são dou-
radas, minha Arrita Scada. Mas o que estávamos dicen-
do? Os homens pensam apenas nas coisas do mundo;
se eles mal pensassem no mundo do além, chegariam lá
de modo mais rápido. Eles acham que essa vida terrena
nunca irá terminar; ao contrário, é uma novena, esta vida,
e uma novena curta também. Sofremos neste mundo;
deixe esta garota aqui – ela tocou seu seio –, fique quieta
e não nos culpe por nada; o resto continua como quer.
Então coloque o açúcar, Arrita; lembre-se para que o seu
café não seja amargo.

– Está bom assim; eu não gosto de doce.

– Bem, estávamos dizendo que o mais importante é
ter a consciência limpa. Mas os homens não prestam
atenção a isso. Basta, para eles, que a safra seja boa, que
produzam muito queijo, muito trigo, muitas azeitonas.
Ah, eles não sabem que a vida é tão curta, que todas as
coisas no mundo passam tão rapidamente. Dê-me a sua
xícara, não se incomode. Ah, não é nada, é a colher que
caiu. As coisas do mundo! Vá, Arrita Scada, fique à beira
do mar e conte todos os grãos de areia: quando os contar,
saberá que eles não são nada comparados aos anos da
eternidade. Em vez disso, nossos anos, os anos a serem
gastos no mundo, estão dentro da mão de uma criança.
Eu sempre digo essas coisas a Berte Portolu e a todos os
meus filhos; mas eles são muito apegados ao mundo.

– Eles são jovens, minha Annedda, você deve enten-
der isso, que eles são jovens. Além disso, você verá que
Elias criou juízo; ele é sério, muito sério: a lição não foi
fácil e servirá para toda a vida.

– Santa Maria de Valverde, que assim o seja! Ah, Elias é um jovem de coração; quando menino, parecia uma menina; ele não dizia uma maldição, nem um palavrão. Quem teria acreditado que ele teria me feito derramar tantas lágrimas?

– Chega, agora tudo isso é passado, agora seus filhos realmente parecem pombos, como diz o seu marido Berte. O importante é que a concórdia e o amor sempre reinem entre eles...

– Ah, a esse respeito não há perigo, que você seja abençoada! – disse tia Annedda sorrindo.

Depois do jantar, tia Annedda finalmente conseguiu ficar sozinha com Elias, ambos sentados no ar fresco do pátio. A porta aberta, o caminho deserto: parecia uma noite silenciosa de verão, com o céu diáfano cheio de estrelas puras. Atrás dos jardins, atrás da rua, à distância, havia um som argentino de ovelhas pastando; um cheiro forte de grama fresca surgiu no ar. Elias respirou aquele perfume, aquele ar puro, com as narinas dilatadas, com um instinto de voluptuosidade selvagem, ele sentiu o sangue fluir em suas veias e a cabeça oprimida por um peso agradável. Ele havia bebido e se sentiu feliz.

– Fomos ver a noiva de Pietro – disse ele vagamente –, ela é uma moça muito bonita.

– Sim, ela é morena, mas é bonita; ela também é muito sábia.

– Sua mãe parece um pouco pomposa: se ela tiver um centavo, ela mostra que tem um escudo; mas a garota parece modesta.

– O que você quer? Arrita Scada é uma boa raça e é soberba; além do mais – disse tia Annedda, entrando em seu assunto favorito –, não sei o que pode se ganhar com a arrogância e com o orgulho. Deus disse: “apenas três coisas que o homem deve ter: amor, caridade e humildade.” O que você recebe de outras paixões? Você já experimentou a vida, meu filho; o que você me diz?

Elias suspirou alto; levantou o rosto para o céu.

– Você está certa, eu experimentei a vida; não que eu merecesse o infortúnio que tive, porque, você sabe, eu era inocente, mas porque o Senhor não paga o sábado. Eu fui um filho ruim, e Deus me puniu, me fez envelhecer antes do tempo. As más companhias me desencaminharam, e é porque me envolvi com más companhias que fiquei oprimido pelo infortúnio.

– E esses companheiros, enquanto você estava sofrendo, nem perguntaram como você estava. Antes, quando você estava livre, eles não deixaram aquela porta lá em paz: “Onde está o Elias? Onde está Elias?”. Elias foi e Elias veio. E depois? Depois eles foram embora ou, se tivessem que descer a rua, colocavam a boina na testa para que ninguém os reconhecesse.

– Chega, minha mãe! Agora está tudo acabado; eu começo uma nova vida – ele disse, ainda suspirando. – Agora, para mim, não há nada além da minha família: você, meu pai, os meus irmãos. Ah, acredite em mim, vou fazer você esquecer todo o passado. Permanecerei como servo de sua obediência, e me parecerá que eu renasci.

Tia Annedda sentiu lágrimas de doçura subirem aos olhos e, como lhe pareceu que Elias também estava comovido demais, mudou de assunto.

– Você sempre permaneceu saudável? – ela perguntou. – Você está muito magro.

O que você quer? *Naqueles lugares*, se emagrece sem ficar doente: não trabalhar mata mais do que qualquer esforço.

– Você não trabalhava lá?

– Sim, eles fazem trabalhos manuais, de sapateiro ou de mulherzinha! Assim, parece que o tempo nunca passa: um minuto parece um ano, é uma coisa horrível, minha mãe.

Eles ficaram em silêncio. A voz de Elias se aprofundou quando ele disse essas últimas palavras. Durante a tarde, na primeira intoxicação de liberdade, ele falou facilmente sobre sua prisão e seus companheiros de infortúnio, parecendo-lhe algo já distante, quase agradável de lembrar. Mas agora, naquela escuridão silenciosa, em sentir o cheiro fresco do campo que o lembrava dos dias felizes de sua primeira juventude no curral, na liberdade sem limites do pasto paterno, na frente de sua mãe, aquela velha boa e pura, de repente, a lembrança dos anos perdidos em vão na angústia da penitenciária lhe despertou horror.

– Estou muito fraco – disse ele depois de alguns instantes –, não tenho forças para nada: é como se tivessem me quebrado a espinha. No entanto, nunca fiquei doente; apenas uma vez tive uma cólica terrível e me pareceu que estava morrendo: “meu São Francisco”, eu disse então, “permita que eu saia desse horror, e a primeira coisa

que farei, retornando à liberdade, será chegar à sua igreja e acender uma vela para você”.

– *Meu São Francisco!* – exclamou tia Annedda, juntando as mãos. – Nós vamos levar essa vela, nós, vamos, meu filho! Que você seja abençoado, você recuperará sua força, não duvide disso. Faremos uma novena para São Francisco: e Pietro virá à festa e trará sua noiva em seu cavalo.

– Quando Pietro vai se casar?

– Ele se casará logo após a colheita, meu filho.

– Ele viverá com a mulher aqui?

– Sim, ele viverá com ela aqui, pelo menos no início; estou começando a envelhecer, meu filho, e preciso de ajuda. Enquanto eu viver, quero que todos permaneçamos unidos: depois, quando eu voltar ao seio do Senhor, cada um de vocês seguirá o seu caminho. Você também vai se casar...

– Ah, e quem me quer? – ele disse amargamente.

– Por que você está falando assim, Elias? Quem te quer! Uma filha de Deus; se você se consertar, se viver uma vida honesta, com temor a Deus, trabalhando, a sorte não vai lhe faltar. Não digo que você precise procurar uma mulher rica; mas uma mulher honesta não lhe faltará. O Senhor instituiu o casamento para unir um homem e uma mulher de maneira santa, não um homem rico e uma mulher rica, ou um homem pobre e uma mulher pobre.

– Isso! – ele disse rindo. – Não vamos falar sobre isso! Acabei de voltar hoje e já estamos falando de casamento. Falaremos sobre isso outro dia, tenho apenas 23 anos e temos tempo. Mas você está cansada, minha mãe. Vá, vá descansar. Vai.

– Eu estou indo; mas vai descansar também, Elias, o ar frio pode te fazer mal.

– Mal? – ele disse arreganhando a boca e respirando fortemente. – Como o ar pode me fazer mal? Não vê que o ar me dá de volta a vida? Vai. Eu entrarei logo.

Depois de um momento, viu-se sozinho, meio deitado no chão, com o cotovelo apoiado no degrau da porta. Ouvia a mãe subindo a escada de madeira, fechando a janela e tirando os sapatos. Então tudo permaneceu em silêncio. O ar ficou frio, quase úmido, aromático. Ele pensou nas coisas que sua mãe lhe dissera, depois disse a si mesmo:

– Meu pai e meus irmãos dormem tranquilamente em suas esteiras, eu posso ouvi-los daqui. Meu pai ronca, Mattia diz algumas palavras de tempos em tempos; ele sonha, obviamente, e mesmo no sonho ele é um homem simplório. Mas como eles dormem bem! Eles ficaram bêbados, mas amanhã não sentirão mais nada. Eu também fiquei um pouco bêbado, mas vou sentir a ressaca. Como eu sou fraco! Eu não sou mais um homem, eu não presto para nada. Ah, e minha mãe quer que eu me case! Mas qual mulher vai me querer? Nenhuma. Chega, o ar está úmido; vou entrar.

Mas ele não se mexeu. Sempre vinha o tilintar dos rebanhos, que às vezes pareciam próximos, às vezes distantes, levados pela brisa úmida e perfumada. Elias se sentia cansado, com a cabeça pesada, e não conseguia se mexer, ou parecia incapaz de se mexer. Visões confusas começaram a inundar a sua imaginação: ele sempre se lembrava do curral, do terreno coberto com feno muito alto e viu as ovelhas, ampliadas pelo longo velo, espalhadas aqui

e ali entre o verde do pasto; mas essas ovelhas tinham rostos humanos, isto é, rostos de seus companheiros de infortúnio. E ele sentiu uma angústia indefinida. Talvez fosse o vinho que, fermentando no sangue, lhe causava um pouco de febre. Lembrou-se de todos os eventos do dia, mas lhe parecia que havia sonhado, que ainda estava *naquele lugar* e sentia uma dor sombria.

As imagens fantásticas de seu sonho ondulavam, se afastaram, desapareciam. Aqui, agora parecia-lhe que aquelas ovelhas estranhas com rostos humanos pulavam a cerca que circulava o terreno do curral; e ele foi atrás delas, freneticamente, também pulando por cima da cerca e entrando no terreno adjacente, cheio de sobreiros altos e muito verdes. Um homem alto, rígido e grosso, com barba cinza-avermelhada, uma espécie de gigante, caminhava lentamente, quase majestosamente, no bosque. Elias o reconheceu imediatamente: ele era um homem de Orune, um sábio selvagem, que vigiava o imenso terreno onde ficava o curral de um proprietário de terras de Nuoro, para que não roubassem a cortiça dos pobres sobreiros. Elias conhecia esse homem gigantesco desde criança, que nunca ria e, talvez por esse motivo, gozava de certa reputação de homem sábio. O nome dele era Martinu Monne, mas todos o chamavam de o *pai da floresta* (*ssu babbu 'e ssu padente*), porque ele disse que, depois da infância, não dormira uma única noite na vila.

Aonde você vai? – ele perguntou a Elias.

– Eu vou atrás dessas ovelhas loucas. Mas estou tão cansado, pai da minha floresta! Eu não aguento mais; eu estou fraco e desfeito; não valho mais nada.

– Eh, se você não quer se incomodar, vá ser padre! – disse tio Martinu, com a sua voz poderosa.

– Eh, eh, às vezes eu tinha essa ideia *naquele lugar!* – exclamou Elias.

Ele se sacudiu, acordou e sentiu um calafrio de frio.

– Adormeci aqui – pensou ele, levantando-se –, vou acabar pegando alguma doença.

Ele entrou na cozinha um pouco tonto; seu pai e irmãs dormiam pesadamente em suas esteiras; uma luz ardia na pedra da lareira. Para Elias, coitado, tão fraco, uma cama havia sido preparada em um quarto térreo. Ele pegou a lamparina, atravessou uma pequena sala na qual, em grandes mesas, havia uma grande quantidade de queijo amarelo e oleoso que exalava um cheiro desagradável e entrou no pequeno quarto.

Ele tirou a roupa, deitou-se e apagou a luz. Ele se sentia com as costas quebradas, a cabeça pesada, e, no entanto, ainda não conseguia adormecer, novamente oprimido por uma sonolência quase laboriosa, cheia de sonhos confusos. Ele ainda via o terreno do curral, o feno, as grandes ovelhas de intrincada lã amarela, a delineamento verde do bosque próximo. Tio Martinu ainda estava lá; mas agora ele estava junto ao muro, alto, rígido, sujo, majestoso.

Também de pé junto à parede, ao lado do terreno, Elias lhe dizia muitas coisas sobre *aquela lugar*. Entre outras coisas, ele dizia:

– Eles sempre nos levavam à missa, nos faziam confessar e nos comungar com frequência. Ah, lá se são bons cristãos. O capelão era um homem santo. Eu disse a ele

uma vez, em confissão, que havia estudado até o segundo ginásio, que havia me tornado pastor, mas que muitas vezes me arrependi de não ter continuado a estudar. Então ele me deu um livro, escrito de um lado em latim e do outro em italiano, o livro da Semana Santa. Eu já o li mais de cem vezes. O que eu estou dizendo? Eu já o li mais de mil vezes e eu o trouxe para cá também. Eu sei ler tanto em latim quanto em italiano

– Então você é um especialista!

– Não tanto quanto você! Mas temo a Deus.

– Bem, quando você teme a Deus, é mais sábio que os reis – disse tio Martinu.

Aqui, o sonho de Elias era confuso, entrelaçado com outros sonhos mais ou menos extravagantes.